



O Consumo dos Meios na Era da Conexão: as Teorias da Comunicação Não Dão Conta da Comunicação Hoje¹

Gabriela Dischinger Miranda²

Pollyana Ferrari³

PUC-SP

Resumo

As novas mídias digitais trouxeram uma grande mudança no ambiente comunicacional, o que torna importante rever as principais teorias da comunicação, com o objetivo de identificar aquelas que ainda conseguem explicar a comunicação hoje. Porém, o que percebemos é que a grande maioria das teorias que perduram até hoje foram pensadas entre 1930 e 1960, baseadas nos meios de comunicação de massa. Os meios digitais afetaram não só a forma com a qual consumimos os meios, mas também a forma com a qual consumimos e relacionamos com marcas.

Palavras-chave: comunicação, teorias da comunicação, mídias digitais, meios de comunicação

INTRODUÇÃO

Novos meios e interatores, alta saturação das mídias tradicionais e consumidores cada vez mais conectados e participativos na internet e entre si, formam o tecido da sociedade atual e isso vem mudando de forma considerável o modo como nos comunicamos. Tendo em vista essa grande mudança social e na comunicação, que vem a reboque, consideramos importante a revisão das principais teorias da comunicação a fim de verificar aquelas que podem ser aplicadas ainda hoje.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 2 - COMUNICAÇÃO, CONSUMO e IDENTIDADE: materialidades, atribuição de sentidos e representações midiáticas, do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

² Mestranda no curso de Tecnologias da Inteligência e Design Digital da PUC-SP, e-mail: gabrieladischinger@gmail.com

³ Profa. Dra. Programa Tecnologias da Inteligência e Design Digital da PUC-SP, e-mail: pollyana.ferrari@gmail.com



Os primeiros estudos específicos sobre a comunicação só surgiram no início do século XX, contemporâneos da Revolução Industrial, da urbanização e do surgimento das multidões na cidade, da consolidação do capitalismo industrial, instalação da sociedade de consumo; tudo concomitante ao surgimento dos meios de comunicação de massa como o jornal, o rádio e a televisão. Muitas vezes as teorias não se desenvolveram de forma homogênea e muitas vezes com pensamentos opostos, por isso consideramos interessante apresentar uma infografia temporal das principais teorias da comunicação, facilitando o entendimento de como as teorias se desenvolveram:

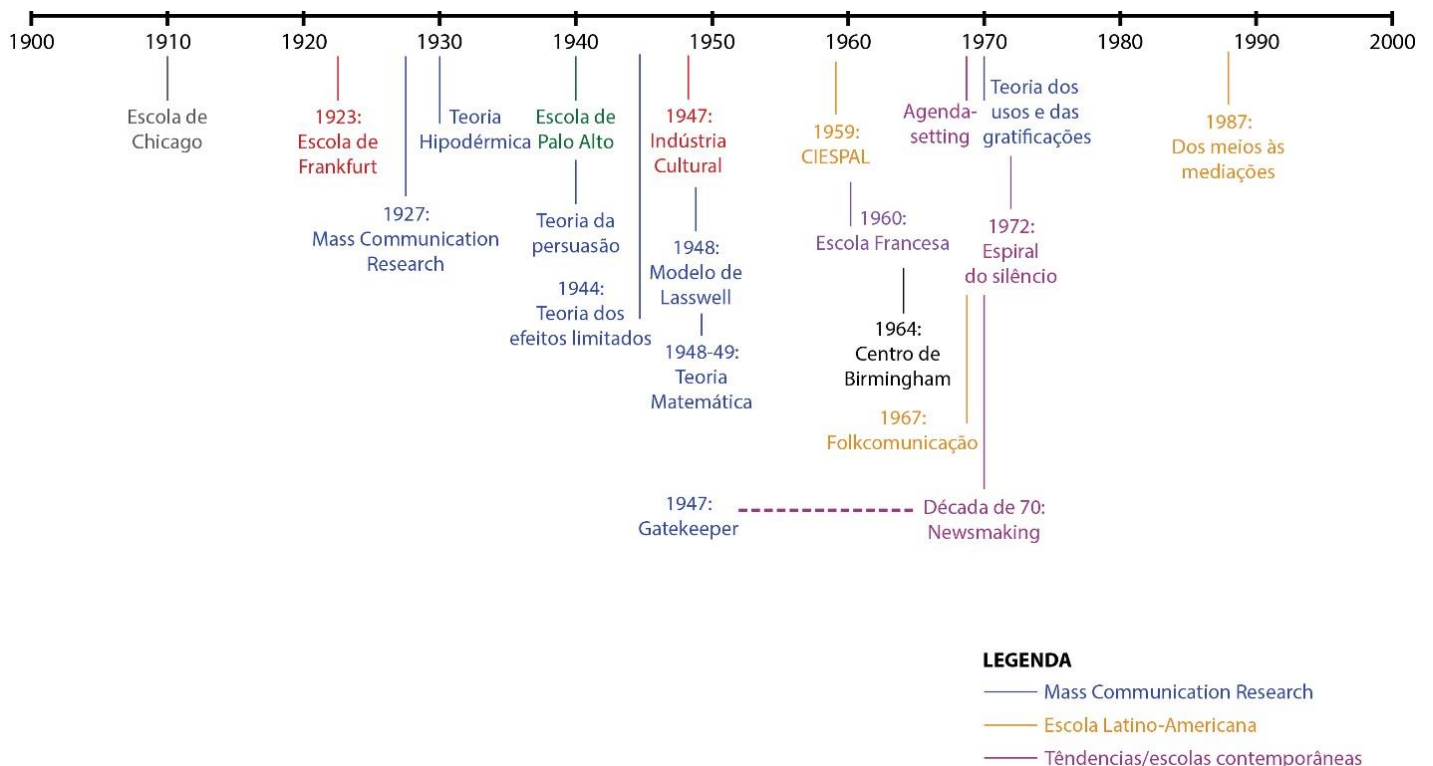


Figura 1: Linha do tempo das Teorias da Comunicação

Fonte: elaborada pela autora

Ou seja, uma das primeiras escolas da comunicação a surgir foi a Escola de Chicago, na década de 1910. Essa escola tinha como base a microsociologia e tinha a cidade como seu laboratório, sua principal contribuição é relacionada à questão da



imigração e a integração dos imigrantes na sociedade americana e o interacionismo simbólico (MATTELART; MATTELART, 2014). A Escola de Chicago “fundamenta-se no chamado “pragmatismo norte-americano” do final do século XIX, notadamente da filosofia de William James, George Herbert Mead e Charles S. Pierce, bem como a sociologia formal de Georg Simmel” (BRAGA; GASTALDO, 2009, p.78) e podemos destacar quatro principais autores: Robert Ezra Park, E. W. Burgess, Charles Horton Cooley e Herbert Blumer.

Apesar de ser uma escola com pouco destaque na literatura sobre teorias da comunicação, a Escola de Chicago ainda é muito atual e digna de atualização. Os estudos sobre os imigrantes podem ser relacionados com a atual crise dos refugiados que fugindo dos conflitos na Síria e demais países africanos e da pobreza buscam asilo em outros países, principalmente europeus, mas também do continente americano, como Estados Unidos e até mesmo Brasil. Podemos ver a repercussão desses movimentos e dificuldades de integração tanto em sites de jornais, como problematizado pelas próprias pessoas em suas redes sociais, como pode ser visto nas imagens abaixo:

crise de refugiados

ENTENDA A CRISE | QUEM SÃO OS REFUGIADOS | ROTAS MIGRATÓRIAS | PRINCIPAIS CONFLITOS | IMAGENS | COMO AJUDAR

Conflitos e pobreza forçam milhões a deixar suas casas, levando o fluxu

Christof Sta

Area de antigo campo de concentração nazista vira abrigo para refugiados na Alemanha

Pedidos de asilo na Europa em mais que dobram em relação a

Número chegou a 1,25 milhão em 2015, mais que o dobro das 562 mil do

ROTA À EUROPA

Turquia impõe lista de condições para ajudar UE a conter refugiados

AS M

E

con

The Justice Team @robbyns323 · 3 h
appease them. And punish their own citizens as they are doing in #Europe. #Refugees want our country. They don't care to acclimate (2)

Debbie Brandt @DebbieBrandt1 · 6 h
Despite criticism, #Greece prepares to #deport #refugees in EU- #Turkey deal EU #migrant. yahooewsdigest-us.tumblr.com/142138119849

Yahoo News Digest
Get in the know in no time. Receive definitive summaries of all the need-to-know news, twice daily.
4.5/5.0 stars – 12,712 ratings

Figura 1: O tema refugiados e imigrantes ganham destaque na mídia.



Se desenvolvendo de forma paralela à Escola de Chicago, em 1927 inicia-se, ainda nos Estados Unidos, a corrente da *Mass Communication Research*. Essa corrente tem como base a comunicação linear e unidirecional, no modelo estímulo/resposta. Apesar de ter visto certa complexificação ao longo do tempo em relação ao seu entendimento da comunicação, é uma corrente que baseia seus estudos nos meios de comunicação de massa e, por isso, já é, em sua maior parte, datada, uma vez que os meios digitais e as mídias sociais não funcionam na mesma lógica dos meios tradicionais e muitas vezes, nem pode ser aplicada à eles, como por exemplo, a Teoria Hipodérmica, a Teoria dos Efeitos Limitados e a Teoria da Persuasão.

Porém, dois modelos dessa escola perduram até hoje: o modelo de Lasswell e a Teoria da Informação. Em 1948, Lasswell, propõe a seguinte fórmula de como o processo comunicativo ocorre: Quem? Diz o quê? Em que canal? Para quem? Com que efeito? (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2015). A Teoria da Informação, por outro lado, também conhecida como Teoria Matemática, é proposta por Shannon e Weaver em 1948-1949. A Teoria da Informação passa a ter, a partir da década de 1940, um papel central e pode ser considerada a teoria de maior destaque da corrente, influenciando estudos comunicacionais até os dias de hoje. O sistema comunicacional proposto por essa teoria pode ser resumida a partir do seguinte esquema:

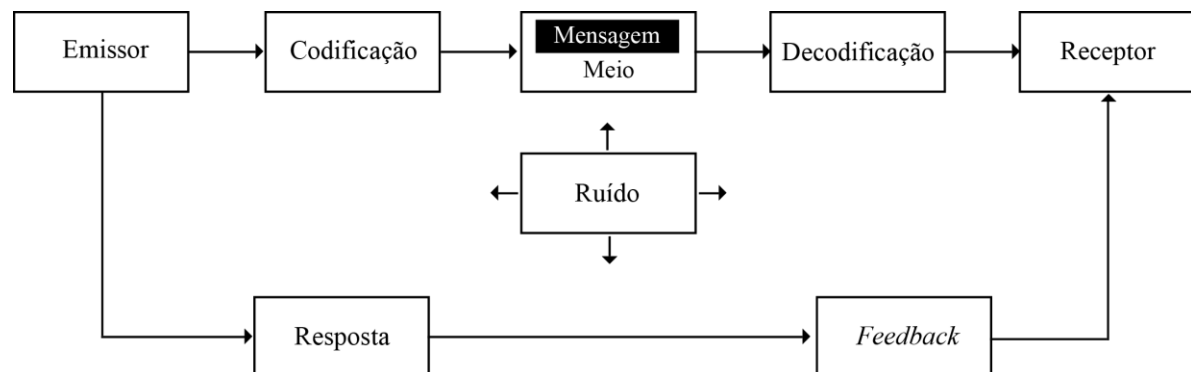


Figura 2: Modelo de Shannon-Weaver

Fonte: OGDEN; CRESCITELLI, 2007



Nesse modelo, a comunicação é vista como linear, sendo que o emissor é aquele que irá codificar e enviar uma mensagem para um receptor que irá decodificar o que lhe foi enviado, porém o entendimento da mensagem também será influenciado pelo ruído, composto por interferências e filtros. Porém, assim como destacado por Armand e Michèle Mattelart (2014), o modelo proposto por Shannon e Weaver não se preocupa com a significação dos sinais transmitidos nem a intenção da mensagem transmitida. A Teoria da Informação “não está preocupada com a inserção social da comunicação” (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2015, p. 122), mas sim a quantidade de informação transmitida por um determinado canal, com o mínimo de distorções possíveis.

Porém, com o surgimento dos novos meios digitais, o modelo Shannon-Weaver passou a ser questionado. Hoje, não podemos mais entender a audiência como passiva, as novas mídias colocaram os meios de produção nas mãos dos consumidores, tornando o receptor também emissor. Além disso, a comunicação também deixou de ser linear e passou a ser trabalhada em diversos meios (JENKINS, 2008).

Com isso, algumas teorias foram desenvolvidas como uma evolução desse modelo, como, por exemplo, o proposto por Castells (2009). Em sua forma de explicar como ocorre a comunicação, Castells defende que o processo de comunicação é definido e influenciado pela tecnologia, por protocolos e escopo da comunicação, além das características e códigos culturais tanto do emissor quanto do receptor. Em seu modelo o autor também leva em consideração a pluralidade de meios e veículos que possuímos hoje e a mudança nos papéis do emissor e do receptor, que estão se fundindo. Nele, a comunicação é multicanal e multimeios, sendo que os diferentes canais podem ser definidos como Código C e os diferentes meios como Código M. Como pode ser visto no esquema a seguir:

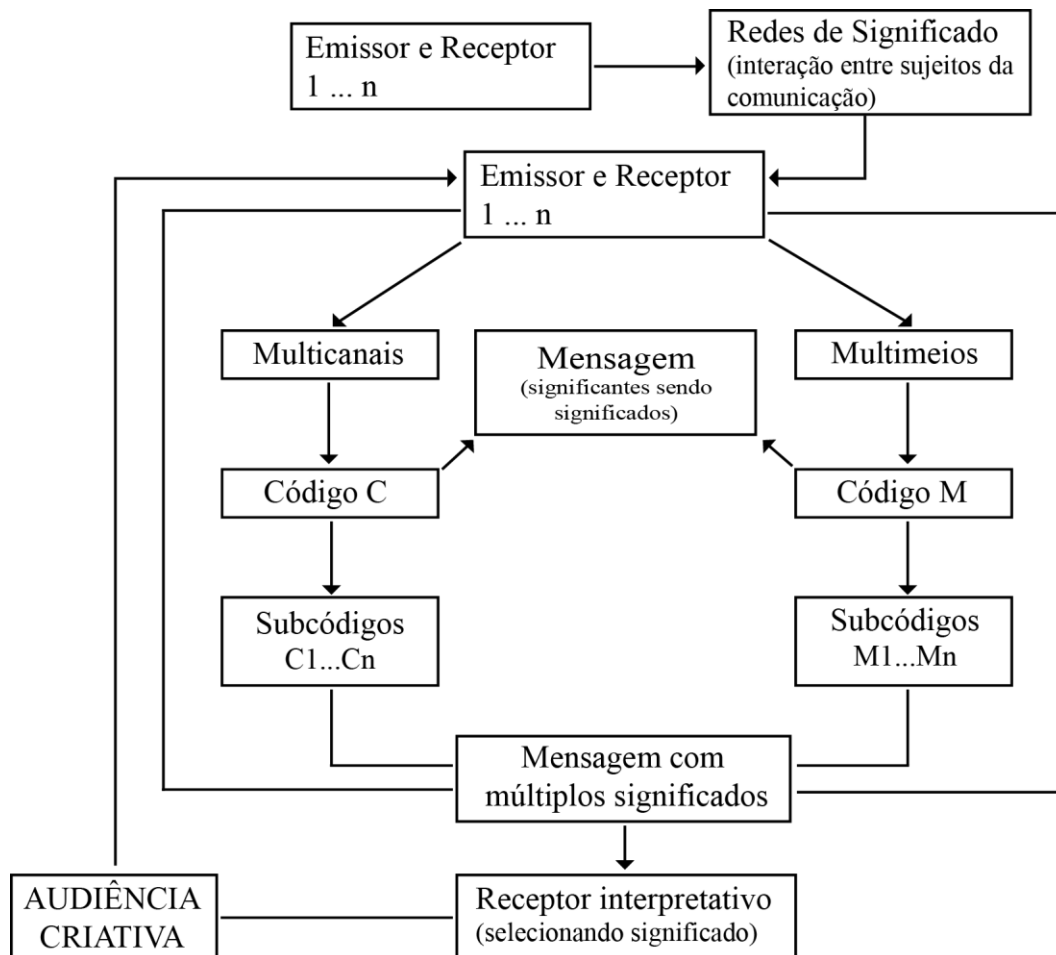


Figura 3: Modelo de comunicação proposto por Castells

Fonte: CASTELLS, 2009

Entende-se aqui por multimeios como a variedade de tecnologias de comunicação, ou seja, a enorme variedade de meios disponíveis atualmente, por exemplo, uma comunicação multimeios pode ocorrer através da Internet, TV, rádio etc. Multicanal, por outro lado, pode ser entendida como a variação que ocorre dentro dos próprios meios, como os diferentes canais de televisão, estações de rádio ou diferentes jornais, impressos ou online. O receptor passa a ter que interpretar diferentes códigos e subcódigos dos diversos meios e canais através dos próprios códigos que possui. Porém, com fusão que está ocorrendo entre receptor e emissor, o



indivíduo terá que criar seu próprio significado através da negociação da interpretação entre os códigos que recebe e envia.

Voltando para a *Mass Communication Research*, estudos mais recentes dessa corrente, do final da década de 1960, início da década de 1970, continuam os estudos sobre os efeitos da comunicação, como a Hipótese dos Usos e Gratificações, Teoria do *agenda-setting*, Teoria da Espiral do Silêncio e *Newsmaking*. A Teoria dos Usos e das Gratificações, desenvolvida principalmente por Elihu Katz, tem como principal questão não mais o que os meios fazem com as pessoas, mas o uso que fazem dos meios (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2015). Nessa hipótese o efeito da comunicação de massa é entendido como consequência das gratificações das necessidades do receptor.

A Teoria do *Agenda Setting* e a Teoria da Espiral do Silêncio, por sua vez, trabalham ideias complementares. A Teoria do *Agenda Setting*, formulada por Maxwell McCombs, defende que a mídia na verdade não influencia a forma como as pessoas pensam, mas sim no que elas pensam. A agenda das mídias de massa passa a ser a mesma da agenda pública e os temas abordados pela mídia é que pautam as conversas entre as pessoas (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2015). Enquanto o *agenda setting* trata da influência da mídia no que as pessoas pensam, a Espiral do Silêncio, criada por Elisabeth Noelle-Neumann, acredita que os meios de comunicação de massa, associada à opinião pública, fazem com que as pessoas busquem a se associar a opiniões dominantes, a fim de evitar o isolamento, e, assim, silenciando as minorias (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2015). Roger Chartier vai tão bem perceber isso ao dizer que ser historiador do tempo presente faz nos sentirmos “atrapalhados com a superabundância de fontes e aflitos com a proximidade imediata que os une ao seu objeto”. São tantos estímulos sonoros, visuais, tecnológicos, que esquecemos de pensar no que consumimos. Noelle-Neumann dialoga com Chartier, pois a Espiral do Silêncio faz uma historiografia do tempo.



E, uma das últimas teorias da *Mass Communication Research*, o *Newsmaking* é uma teoria do jornalismo, mas que tem sido utilizada genericamente para a perspectiva comunicacional. Baseada no conceito de *gatekeeper* de Lewin, a hipótese do *Newsmaking* via o jornalista como um intermediário (mediador) entre o acontecimento e o receptor, incluindo desde a captação, produção, edição e distribuição da informação. Desse modo, o jornalista era visto como o *gatekeeper* ou “filtro”, determinando que tipo de informação deve ser noticiada ou não para as pessoas (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2015).

Tanto a Teoria do *Agenda Setting*, quanto a Teoria da Espiral do Silêncio e do *Newsmaking*, são consideradas na literatura de teorias da comunicação como tendências de pesquisa (WOLF, 2005) ou teorias contemporâneas da comunicação (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2015). Porém, apesar de o *Agenda Setting* ainda ser utilizado pelos meios de comunicação de massa, nenhuma dessas teorias pode ser aplicada à comunicação na era digital, uma vez que as mídias de massa não pautam o que é dito nas redes sociais e hoje existe uma maior pluralidade de nichos, interesses e opiniões e não apenas uma opinião dominante (ANDERSON, 2008).

Não apenas isso, com a internet e as mídias sociais, a informação deixou de depender dos jornalistas para chegar às pessoas e as pessoas conseguem ter acesso a informações e notícias que desejam. Apesar de o jornalista não se configurar mais como um filtro para acesso a informações, há uma nova forma de *gatekeeping* atual que são as políticas de taxa zero para acessar alguns sites/aplicativos em países subdesenvolvidos no qual o acesso à internet é caro e restrito a uma minoria da população. Um exemplo são os programas Wikipedia Zero e Facebook Free Basics na Angola, no qual as pessoas podem navegar por esses sites sem ter que pagar pacotes de internet. Dessa forma a Wikipedia e o Facebook se tornam toda a internet para eles (KOEHLER, 2016). Porém, mesmo com as restrições, as pessoas encontraram formas de burlar e ter um pouco mais de acesso transformando a Wikipedia em um serviço de compartilhamento de arquivos clandestinos, escondendo filmes e músicas piratas em



artigos do site e compartilhando com outras pessoas em grupos fechados no Facebook (KLOEBER, 2016).

Ou seja, como pode ser percebido, algumas das teorias dessa corrente já se tornaram obsoletas. Porém, como já dito anteriormente, mesmo aquelas que perduram até hoje não são conseguem explicar de forma razoável o contexto atual da comunicação. Enquanto na década de 1940 a *Mass Communication Research* via o desenvolvimento e consolidação de modelos do processo comunicativo lineares, como os modelos de Lasswell e de Shannon-Weaver, vistos anteriormente, se desenvolveu também a Escola de Palo Alto (também conhecido como Colégio Invisível). Muito influenciada pela Escola de Chicago, essa escola irá se afastar desses modelos lineares e começam a entender a comunicação, na verdade, de uma forma mais complexa, como um modelo circular retroativo (MATTELART; MATTELART, 2014).

Diferente das teorias da *Mass Communication Research*, a Escola de Palo Alto entende a comunicação não apenas como o ato verbal consciente, mas como interações, que vão desde a fala e o gesto até ao olhar e o espaço interindividual (MATTELART; MATTELART, 2014). Ou seja, como defendido por Watzlawick (WOLF, 2005), todo comportamento na presença de outra pessoa se torna comunicação.

Se distanciando ainda mais das teorias da *Mass Communication Research* encontramos a Teoria Crítica. Também conhecida como Escola de Frankfurt, a Teoria Crítica se desenvolve paralelamente às teorias americanas da comunicação, tendo como início a partir da fundação do Instituto de Pesquisa Social ligado à Universidade de Frankfurt (MATTELART; MATTELART, 2014) em 1923 (WOLF, 2005). “Segundo seu modo de ver, as comunicações só adquirem sentido em relação ao todo social, do qual são antes de mais nada uma mediação e, por isso, precisam ser estudadas à luz do processo histórico global da sociedade.” (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2015, p.132). O conceito de maior destaque dessa escola é a da Indústria Cultural, termo cunhado por Horkheimer e Adorno, em meados da



década de 1940. Na indústria cultural os bens culturais são transformados em mercadoria e produzidos a partir da mesma lógica industrial que bens materiais, como o carro (MATTELART; MATTELART, 2014).

A diversão, assim, passa a desempenhar o papel de conformar e disciplinar os indivíduos, retirando qualquer resistência que poderia ainda haver. Outro autor de destaque dessa escola é Walter Benjamin, que em seu ensaio “A obra de arte na era de suas técnicas de reprodução” traz a questão da perda da aura das obras de arte. Benjamin defende que as obras de arte têm auras, ou seja, “uma dimensão de culto em virtude de seu caráter único e artesanal” (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2015, p.137). Vale notar que apesar de ser uma teoria que leva em consideração o contexto histórico e social, deixa a desejar em sua concepção de como a comunicação ocorre. O modelo de comunicação da teoria crítica é muito simplório e pouco articulado (WOLF, 2005).

Um filme que retrata bem as teorias defendidas pela Escola de Frankfurt é *Grandes Olhos* (2014), de Tim Burton. Baseado em fatos reais, o filme conta a história de Margaret Keane e o sucesso que conseguiu no final da década de 1950 e sua subsequente dificuldade legal com seu marido, que levou o crédito por suas pinturas durante a década de 1960. Quando Walter consegue, com as pinturas de Margaret, exposição com notícias jornalísticas e junta dinheiro suficiente para abrir sua própria galeria, percebe que, apesar de ter a galeria sempre cheia de gente, não consegue vender muitos quadros. Então, Walter percebe o potencial dos pôsteres e começa a vender fotos dos quadros, ou em suas próprias palavras “você prefere vender uma pintura por US\$ 500 ou um milhão de pôsteres baratos?”.

Encontramos as teorias dessa escola em diversos aspectos do filme, desde o conceito de Indústria Cultural de Adorno e Horkheimer, quanto a perda da aura da obra de arte de Walter Benjamin. Ao transformar as pinturas em pôsteres a serem comercializados Walter Keane não apenas se submete à indústria cultural, transformando um bem cultural como uma pintura em uma mercadoria. Não apenas isso, como apontado por Benjamin, as forças que levam à reprodutibilidade das



pinturas de Margaret estavam intrinsecamente ligadas à massa, que não tendo dinheiro para comprar a pintura em si, levavam os pôsteres que estavam em postes ou sendo distribuídos, aí que Walter Keane vê a possibilidade de lucrar com isso e, assim, tirando a unicidade e aura daquela pintura.

Durante a década de 1960, desenvolveu-se os Estudos Culturais britânicos, também conhecidos como Escola de Birmingham. A escola inicia-se com o surgimento do Center of Contemporary Studies, na Universidade de Birmingham, em 1964 (MATTELART; MATTELART, 2014). Os estudos dessa escola tem como base autores como Richard Hoggart, Raymond Williams e E.P. Thompson (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2015), que buscam a partir da análise da cultura, “reconstituir o comportamento padronizado e as constelações de ideias compartilhadas pelos homens e mulheres que produzem e consomem os textos e as práticas culturais daquela sociedade.” (STOREY, 1997, p.46 apud HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2015, p.155)

Um outro nome de destaque dos Estudos Culturais Britânicos foi Stuart Hall. A principal contribuição desse autor foi seu artigo *Encoding/Decoding*, publicado em 1973 (MATTELART; MATTELART, 2014), que criticando os modelos lineares ou circulares, muito focados na transmissão da mensagem e ignorando a estrutura complexa de relações que é a comunicação, propõe um novo processo de acordo com quatro momentos distintos, mas que se relacionam entre si: produção, circulação, distribuição/consumo e reprodução. O estudo de Hall defende que “a audiência é ao mesmo tempo o receptor e a fonte da mensagem, pois os esquemas de produção – momento de codificação – respondem às imagens que a instituição televisiva se faz da audiência e códigos profissionais” (MATTELART; MATTELART, 2014, p.109-111). Não apenas isso, apesar de falar sobre a televisão o estudo de Hall em *Encoding/Decoding* é muito importante, pois é um dos primeiros autores que, mesmo que de forma ainda superficial, podem ser aplicados à comunicação nos dias de hoje.



Um autor muito influenciado tanto pela Teoria Crítica quanto pelos Estudos Culturais britânicos foi Douglas Kellner, que em 1995, propôs o conceito de Cultura da Mídia, que pode até ser entendido, de certa forma, como uma atualização da Indústria Cultural de Adorno e Horkheimer. Para Kellner (2001), a Cultura da Mídia é a cultura veiculada pela mídia, que ajuda a construir a vida cotidiana, domina o lazer, modela opiniões e comportamentos. Não apenas isso, “a cultura da mídia reproduz as lutas e os discursos sociais existentes, expressando os medos e os sofrimentos da gente comum, ao mesmo tempo que fornece material para formação de identidade e dá sentido ao mundo” (KELLNER, 2001, p.203).

A França, por outro lado, também viu sua própria corrente surgir durante a década de 1960. Marcada pela fundação do Centro de Estudo das Comunicações de Massa (CECMAS) no próprio ano de 1960, por Georges Friedmann e que contou também com nomes como o de Edgar Morin e de Roland Barthes. Outro autor de destaque da Escola Francesa é Pierre Lévy, que ganha destaque por seu entusiasmo tecnológico, teorizando o ciberespaço e apontando para o desaparecimento do emissor e do receptor, passando a perceber a comunicação de um para muitos de muitos para muitos (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2015). Tanto Lévy quanto Morin, são autores que continuaram atualizando seus estudos: em 2003 Morin propõe a Teoria Complexa da Comunicação e, mais recentemente, em 2015, Lévy atualizou o seu conceito de inteligência coletiva, passando a considerar também as novas tecnologias e coleta de dados (big data).

Por último, mas não menos importante, a Escola Latino-Americana, que só se inicia realmente em 1959 com a criação do Ciespal (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2015, p.173). Influenciados pelos estudos norte-americanos e europeus, a Escola Latino-Americana teve como maior influência os estudos marxistas, nascendo em um contexto de ditaduras militares em boa parte do continente e em um momento de golpes políticos acompanhados de censura midiática (MELO, 2007). Apesar de ser uma escola com boa parte de seus estudos já datados, podemos destacar dois autores principais, Luiz Beltrão, teorizando a Folkcomunicação, e Jesús Martín-Barbero com



seu livro *Dos Meios às Mediações*, sendo esse último o autor mais forte e atual que restou da Escola Latino-Americana.

Jesús Martín-Barbero propõe em seu livro *Dos Meios às Mediações* (2015) uma leitura do popular na comunicação de massa. Pensando na televisão, o autor defende que o eixo de discussão da comunicação deve sair dos meios e passar para as mediações, uma vez que a comunicação se converteu “num espaço estratégico a partir do qual se podem pensar os bloqueios e as contradições que dinamizam essas sociedades-encruzilhada, a meio caminho entre o subdesenvolvimento acelerado e modernização compulsiva” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 261). Ele entende por mediação o lugar no qual ocorre o enfrentamento entre produção e recepção, ou seja, a comunicação deve ser analisada não mais a partir das lógicas de produção ou da recepção, mas sim a partir da relação entre receptores e meios de comunicação (MARTÍN-BARBERO, 2015).

Um exemplo que o próprio autor utiliza para ilustrar sua teoria é a partir da reflexão de como nós, brasileiros, vivemos a morte e o sepultamento do presidente Tancredo Neves. Com a sua morte os brasileiros foram para a rua, amplamente veiculada pelo rádio e pela televisão. Porém, a imprensa, pautada no discurso objetivo, culpava a televisão e o rádio de manipular as pessoas e montar um espetáculo. Porém, como defendido pelo autor, para mobilizar essa multidão é necessário algo mais que a manipulação de alguns meios massivos, na verdade a televisão e o rádio viram foi um povo redescobrimo a sua cidadania e reinventando sua identidade (MARTÍN-BARBERO, 2015). Podemos ver algo parecido acontecendo atualmente em nosso país, com também nas manifestações de março de 2016, que mobilizaram milhares de pessoas e a TV e os meios de massa viram a importância do movimento e cobriram extensamente todas as manifestações, que chegaram a inundar as *timelines* das redes sociais.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse breve panorama das principais escolas de comunicação, podemos perceber que houve uma grande concentração de estudos sendo realizados durante as décadas de 1930 e 1940, até a década de 1960. Porém, não conseguimos encontrar nenhuma teoria mais recente sobre a comunicação que conseguisse entender a comunicação levando em consideração os novos meios de comunicação digitais e as mudanças trazidas pela internet, cada vez mais presente em nosso dia-a-dia. As mídias digitais não funcionam a partir da mesma lógica que as mídias tradicionais:

A lógica antiga, a lógica televisiva, tratava os espectadores como pouco mais do que coleções de indivíduos. Seus membros não agregavam qualquer valor real uns aos outros. A lógica da mídia digital, por outro lado, permite que as Pessoas Antes Conhecidas Como Espectadores agreguem valor umas às outras, todos os dias. (SKIRKY, 2011, p.41)

Ou seja, a grande maioria das escolas já não cabem mais no cenário que temos hoje e já estão datadas. Como apontado anteriormente, as teorias consideram, em sua grande maioria, uma comunicação linear, de um para muitos e assimétrica, no qual o poder está nas mãos do emissor. O que vemos hoje, por outro lado, é algo muito diferente. Como defendido por Henry Jenkins em seu livro *Cultura da Convergência* (2008), os antigos consumidores eram passivos, previsíveis, indivíduos isolados e seu trabalho era silencioso e invisível. Já os novos são ativos, migratórios, mostram um declínio na lealdade a redes ou meios, são socialmente conectados e seus trabalhos são barulhentos e públicos. Hoje, as fronteiras entre consumidor (receptor) e produtores (emissor) se tornam flexíveis, deixando, muitas vezes, de ocupar papéis separados e passam a interagir de formas imprevisíveis (JENKINS, 2008).

Com isso, defendemos nesse artigo que é necessária uma nova teoria da comunicação, uma teoria do século XXI, que compreenda o mundo digital que não é mais separado do mundo real, mas que faz parte dele, que entenda a fusão entre emissor e receptor e a comunicação não-linear que vivemos atualmente.



REFERÊNCIAS

ANDERSON, C. *The long tail: why the future of business is selling less of more*. New York, NY: Hachette Books, 2008.

HOHFELDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. (Orgs.). *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2015.

JORDÃO, G. O contexto da comunicação com *stakeholders*. In: ROCHA, T.; GOLDCHMIDT, A. (Coords.) *Gestão de stakeholders: como gerenciar o relacionamento e a comunicação entre a empresa e seus públicos de interesse*. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 207-221.

LÉVY, P. The emergency of reflexive collective intelligence. *Pierre Lévy's Blog*. 14 abr. 2015. Disponível em: <<https://pierrelevyblog.com/2015/04/14/the-emergence-of-reflexive-collective-intelligence/>>. Acessado em: 03 abr. 2016.

MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

MATTELART, A.; MATTELART, M. *História das teorias da comunicação*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2014.

MELO, J. M. *História do pensamento comunicacional*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2007.

MORIN, E. A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). *Revista Famecos*. Porto Alegre, v.1, n. 20, p. 7-12, 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3197/2462>>. Acessado em: 03 abr. 2016

OGDEN, J. R.; CRESCITELLI, E. *Comunicação integrada de marketing: conceito, técnicas e práticas*. 2 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall. 2007.

OLIVEIRA, I. C. A.; A teoria hipodérmica. In: SOUZA, R. M. V.; MELO, J. M.; MORAIS, O. J. (Orgs.). *Teorias da comunicação: correntes de pensamento e metodologia de ensino*. São Paulo: INTERCOM, 2014.

SHIRKY, C. *A cultura da participação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

WOLF, M. *Teorias da comunicação de massa*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.